

luís de sttau monteiro

CRÓNICA ATRIBULADA DO ESPERANÇOSO FAGUNDES



ÁTICA

CRÓNICA ATRIBULADA
DO
ESPERANÇOSO FAGUNDES

luís de sttau monteiro

CRÓNICA ATRIBULADA DO ESPERANÇOSO FAGUNDES

PEÇA DE TEATRO

ULHOTO120



EDIÇÕES ATICA
LISBOA

A capa é da autoria de

MANUEL DIAS

© ÁTICA, S. A. R. L., Lisboa

Direitos reservados para todos os países, de reprodução
no todo ou em parte, nos termos da legislação em vigor



Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da
TIPOGRAFIA MACARLO, LDA. — Rua Jorge Afonso, 10-A — LISBOA
Acabou de imprimir-se em Maio de 1981

I.º ACTO

Sentado o público, batidas as pancadas de Molière e decorrida uma pequena pausa, entra pelo fundo da sala um cavaleiro medieval cuja armadura, excessivamente apertada, range de uma forma irritante. O capacete deste cavaleiro traz a viseira fechada, de forma que o público não identifica o actor que vem dentro da armadura. Este capacete é encimado por uma pena de galinha que substitui a pluma tradicional. O cavaleiro encaminha-se para o palco com dificuldade, mexendo as pernas devagar e tropeçando de quando em quando. A meio caminho acende-se um projector que incide sobre ele, obrigando-o a reagir com violência.

CAVALEIRO

Apaga o archote, vilão! Se não apagas o archote furo-te de lado a lado com esta espada que herdei do meu avô e por Deus que te como os intestinos com

feijão à moda do Porto. Depois da cavalgada que acabo de fazer, um pratinho de dobrada escorregava que era uma limpeza. Isto se eu conseguisse abrir esta gaita...

(Para os espectadores, apontando para a viseira:)

... a porcaria da viseira encravou-se há três dias e não consigo abri-la. Os senhores haviam de ver o que é viver três dias sem poder tirar o capacete nem abrir a viseira nesta época em que vivo. Como só daqui a seis séculos é que vão inventar os caldos Knorr tenho de me contentar com o que há e o que há é vacas assadas no espeto, porcos assados no espeto, galinhas assadas no espeto. Estão com inveja? Se tivessem de comer uma vaca assada no espeto por uma palhinha nunca mais me invejavam.

(De novo para o ar:)

Apaga o archote, sarraceno dum corno! Se tens isso aceso mais um minuto dou cabo de ti; não vês que ando a viajar incógnito?

(O archote apaga-se e o cavaleiro retoma a marcha, gemendo, bufando e queixando-se todo o tempo:)

Vá lá um homem ter de viver neste ano de graça de 1382! Isto vai de mal a pior, mas é que vai mesmo. As viseiras dos capacetes encravam, as juntas das armaduras rangem, o azeite para as lubrificar está pelos

olhos da cara, a palha para os cavalos aumenta todos os dias... uma porcaria duma vida.

(Estaca e grita para o fundo da sala:)

Fagundes!

(Não obtendo resposta, grita novamente:)

Fagundes!

(Volta a escutar e vendo que não aparece ninguém e que ninguém lhe responde, comenta para os espectadores:)

Isto é para verem ao que as coisas chegaram! Não há pessoal e os servos só pensam em comer e em dançar. Dizem-me que alguns já querem um dia de saída por ano!

(Surge ao fundo da sala um personagem envolto em sacas velhas que traz uma corda atada à volta da cintura e que tem enfiada na cabeça uma saca com quatro buracos, dois dos quais no sítio dos olhos e dois colocados de forma a que deles saiam as pontas de um bigode grandioso e façanhudo.)

FAGUNDES

Chamais, amo e senhor?

CAVALEIRO

Chamei, gaita! Há mais de uma hora que vos chamo!

FAGUNDES

Falai mais baixo, amo e senhor, que estamos quase às portas da cidade e se um esbirro do Andeiro vos apanha ides parar a Caxias, tão certo como eu chamar-me Fagundes.

CAVALEIRO

(Apontando para os espectadores:)

Quem é esta gentilha?

(Fagundes corre até junto do cavaleiro, que nesta altura já deve estar junto do palco, ao centro da sala, e observa atentamente os espectadores.)

FAGUNDES

(Observando os espectadores:)

Camponeses não são...

(Apontando para um espectador:)

Aquele, ali, tem cara de mercador e aquela, ali, tem fatiota de burguesa endinheirada; mas aquele, com a barba que tem, mais parece um sarraceno disfarçado de cristão, ou um frade, disfarçado de vilão, do que uma pessoa que não tem nada a esconder. Sabeis bem o que se diz dos frades — alguns, à noitinha, vestem-se de cavaleiros e de vilões e vêm para as vielas fazer coisas às moças...

CAVALEIRO

Que coisas?

FAGUNDES

Nada que vos seja possível fazer enquanto não encontrarmos um latoeiro que vos tire dessa armadura.

CAVALEIRO

Perro vilão, que te mato se voltais a falar sem respeito nesta minha armadura de família que já entrou em mais de cem batalhas! Sabei que meu avô usava-a em todas as circunstâncias, todas, ouvísteis?

FAGUNDES

Com o devido respeito, julgo ter razões para crer que em certas circunstâncias não a usou.

CAVALEIRO

Que dizeis?

FAGUNDES

Disse que o vosso avô não usou essa armadura na sua noite de núpcias.

CAVALEIRO

E porque não?

FAGUNDES

Se não sabeis porquê, amo e senhor, podeis ir para a cama, na vossa noite de núpcias, com a armadura

vestida, que não vos fará a menor diferença. De qual-
quer forma estamos a perder tempo. Não foi para dis-
cutir o povoamento do reino que partimos há quatro
dias de Aviz direitos a Lisboa. Quatro dias, senhor!

CAVALEIRO

No estado em que as estradas estão, os quatro
dias não espantam. Já visteis que esta gente nos ob-
serva?

(Apontando para uma espectadora:)

Aquela, ali, não tira os olhos de mim.

FAGUNDES

(Para os espectadores:)

Eh, vilões! Toca a olhar para o outro lado, vá! Nun-
ca visteis um cavaleiro e o seu servo à porta duma
cidade? Será estranha a dureza do nosso olhar, o com-
primento do nosso nariz, a cor da nossa pele?

(Para o cavaleiro:)

Não tiram os olhos de nós, nem à espada. Será que
estranham o facto de estarmos embuçados?

CAVALEIRO

Serão de confiança?

FAGUNDES

É claro que são.

CAVALEIRO

Porque affirmais isso?

FAGUNDES

Porque são muitos, senhor. Há pelo menos cem deles para cada um de nós e quando os nossos inimigos são muitos a gente tem de lhes dar confiança antes que eles nos retirem a sua. Um dia vão chamar a isto dialéctica, mas é uma questão de bom senso, amo e senhor.

CAVALEIRO

Entendeis que lhes devemos dizer ao que vimos?

FAGUNDES

Se queremos ser bem sucedidos não temos outro remédio. É que se o fizermos pode ser que alguns, dentre eles, adiram à nossa causa e se o não fizermos teremos de enfrentar o Andeiro sozinhos, vós à frente e eu atrás.

CAVALEIRO

Porquê eu à frente e vós atrás?

FAGUNDES

Da vossa parte porque não tendes outro remédio, já que sois cavaleiro e mais isto e mais aquilo e tendes que honrar a armadura que envergais. Da minha parte por uma questão de dialéctica. Digamos que por uma questão de dialéctica de sobrevivência.

CAVALEIRO

Vamos então aliciá-los?

FAGUNDES

Não tendes outro remédio.

CAVALEIRO

Trazei o meu cavalo.

FAGUNDES

Um desejo vosso é uma ordem para mim.

(Sai.)

CAVALEIRO

(Para os espectadores:)

Esperai um momento até que eu monte a cavalo porque nestas coisas convém que haja uma certa encenação; de outra forma não tereis confiança no nosso movimento.

FAGUNDES

(Regressando com um cavalo de «papier maché»:)

Aqui está o vosso fiel corcel, amo e senhor. Montai-o com cuidado porque está ligeiramente empenhado a um galego a quem prometesteis setenta cruzados se a revolução triunfar.

CAVALEIRO

A corda, vilão. Alguma vez visteis um cavaleiro armado montar um corcel de combate sem o auxílio de uma corda?

FAGUNDES

Está-me cá a cheirar que vós e os vossos ainda nos vão roer a corda, mas que hei-de eu fazer?

CAVALEIRO

Estais com mais dialéctica?

FAGUNDES

A chamada dialéctica da experiência, amo e senhor.

CAVALEIRO

Abandonai-a e passai-me um cabo à volta da cintura.

FAGUNDES

(Gritando para o alto:)

Contra-regra!

CAVALEIRO

Por quem chamais?

FAGUNDES

Pelo contra-regra, que é dos nossos. Aliciei-o há bocado, enquanto vos queixáveis da viseira.

VOZ DO CONTRA-REGRA

(Vinda do alto e de dentro do palco:)

Quem me chama?

FAGUNDES

Sou eu, Fagundes da Conceição Gorgeta.

CAVALEIRO

Gorgeta? Nunca vos ouvi dizer que tínheis tal nome...

FAGUNDES

Nem tenho, amo e senhor, mas o contra-regra é dum tempo diferente do nosso e, no tempo dele, a palavra «gorgeta» é uma palavra mágica que faz andar as pessoas mais depressa!

VOZ DO CONTRA-REGRA

Que diabo queres tu?

FAGUNDES

Um cabo grosso atirado aí da teia cá para baixo.

(Cai um cabo cuja extremidade fica à frente e ao centro do palco. Esta extremidade vem já laçada, de forma que Fagundes pega no laço e lança-o à volta dos ombros do cavaleiro.)

VOZ DO CONTRA-REGRA

Este serve?

FAGUNDES

Está a matar. Quando eu disser «três» puxa-o para cima.

(Para o cavaleiro:)

Estais bem seguro?

CAVALEIRO

Despachai-vos, senão matam o Andeiro antes de nós lá chegarmos.

FAGUNDES

Um, dois, três!

(A corda eleva-se subitamente e o cavaleiro fica suspenso do tecto, a meia altura do palco, que continua fechado.)

CAVALEIRO

Morri! Morri! Estou no céu à espera de que o Senhor me receba para me dar asas! Eh, Fagundes, há-víeis de ver como tudo é diferente visto de cima! A maior parte desses que estão aí em baixo são carecas e usam chinó. Daqui de cima vê-se tudo! E elas pintam o cabelo! Daqui vejo-lhes as raízes! Ah! Ah! Ah! Estou no céu!

FAGUNDES

Contra-regra! Contra-regra!